



“Jardim Angola”: plantando saúde em meio ao asfalto com a população em situação de rua

“Angola Garden”: planting health in the middle of the asphalt with the homeless population

MACHADO, Clara Gomes¹.

¹ claragomes09@hotmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo temático: Saúde e Agroecologia

Resumo: O presente artigo objetivou, a partir da experiência de um coletivo de trabalhadores do Consultório na Rua do SUS, serviço que atende pessoas em situação de rua, relatar a criação de um jardim e de uma horta comunitária embaixo de um viaduto a partir da iniciativa de um casal em situação de rua de Belo Horizonte. Foi utilizado o diagnóstico territorial e comunitário para mapeamento dos equipamentos para auxiliar no processo, a construção de Projeto Terapêutico Singular do sujeito em questão, sobre as maneiras de cuidado em saúde para ele a partir das discussões em equipe, além da ecologia de saberes, que propõe uma atitude de construção coletiva das ações, para além da mera observação e descrição dos fatos. Como resultados temos a inserção dessa pessoa em situação de rua em uma rede de serviços públicos ampliando o seu acesso e direito à cidade. Além da resignificação do espaço urbano a partir do plantio do jardim, e da reconstrução do fazer profissional da equipe de saúde.

Palavras-Chave: saúde coletiva; agroecologia; redução de danos; população em situação de rua; ecologia de saberes.

Contexto

O presente trabalho diz da experiência da relação estabelecida entre um coletivo de trabalhadores do Consultório na Rua Noroeste - SUS Belo Horizonte e um casal de usuários do serviço na construção do “Jardim Angola”, projeto idealizado por eles da criação de um jardim a partir da plantação de diversas espécies de plantas debaixo de um viaduto.

O Consultório na Rua (CR) é um dispositivo de saúde que atende as pessoas em situação de rua em parceria com os demais serviços da rede de políticas públicas de Belo Horizonte em que as equipes estão dispostas a partir das regionais da cidade realizando atendimentos de forma volante com o auxílio de uma van. Ele é fruto da Política Nacional da População em Situação de Rua, que institui a execução deste serviço e define diretrizes para seu funcionamento, que podem ser adaptadas de acordo com a realidade de cada município. Em Belo Horizonte, as equipes se orientam a partir da redução de danos e da luta antimanicomial, compostas pelas profissões: arte-educador, assistente social, enfermeiro, médico, psicólogo e redutor de danos. Há uma autonomia dada às equipes para organização da agenda de



trabalho, bem como para estruturar as intervenções de acordo com a demanda e o fluxo de cada território e cada usuário do SUS.

A regional Noroeste, onde ocorreu a experiência relatada, é conhecida por possuir a maior cena de uso de crack a céu aberto do estado, na comunidade Pedreira Prado Lopes. Neste bairro está o Conjunto Habitacional IAPI, onde ao redor de seus muros, as calçadas das ruas estão repletas de pessoas, em situação de rua e domiciliadas, que operam no ritmo incessante da comercialização, compra e uso de substâncias psicoativas, além de agentes da polícia que circulam no território em geral com abordagens truculentas.

A experiência agroecológica deu-se embaixo do Viaduto Angola, localizado em uma grande avenida que passa ao lado do IAPI. O local é um dos campos de atuação regular da equipe, e se configura como um espaço de moradia, com aproximadamente cinco malocas (nome dado às moradias feitas pelas pessoas em situação de rua com materiais reaproveitados) onde vivem casais em situação de rua, articulados em torno do trabalho informal de reciclagem como fonte de renda. Existe uma certa coesão no espaço, ainda que permeada por conflitos interpessoais, mas que transmite uma imagem familiar, de vizinhança, conferindo certa tranquilidade, quando comparado aos demais campos de atuação da regional.

A dinâmica deste território possibilitou a criação de uma relação da equipe com os usuários permeada pela constância e maior proximidade, nos vínculos construídos e nos acompanhamentos em saúde. O trabalho do CR pauta-se também pela construção do Projeto Terapêutico Singular para cada usuário, de acordo com a sua demanda e suas problemáticas. Assim, ofertas em saúde como acompanhamento de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e demais doenças, gestação, campanhas de vacinação e tratamentos em saúde mental relacionados ao uso de substâncias psicoativas são possibilidades que se abrem, assim como atividades coletivas de arte-educação, interações pautadas pela redução de danos.

Desta forma, o relato que se segue diz da relação estabelecida entre a equipe do CR com um usuário, que chamaremos ficticiamente de Alecrim, e sua companheira Sálvia, cujas demandas não se centravam na ótica saúde-doença, mas sim na promoção da saúde e construção de intervalos de uso de substâncias psicoativas. A equipe se aproxima dele a partir do interesse em um projeto que o casal encabeçou, de fazer um pequeno caminho de plantas delimitando a entrada de sua maloca. A partir deste momento, foram cerca de 8 meses, de maio a dezembro de 2022, em que a equipe esteve envolvida nesse sonho, objetivando a construção de possibilidades coletivamente e a abertura de novos espaços institucionais e de circulação, bem como refletir sobre questões como a ocupação do espaço público, dinâmicas do coletivo, soberania e segurança alimentar, promoção de redução de danos e intervalos de uso de substâncias.

Este trabalho se insere no eixo de Saúde e Agroecologia, uma vez que intui a perspectiva da saúde a partir do princípio da equidade. O SUS está estruturado para



atender a públicos distintos como as pessoas em situação de rua (pop rua), que trazem problemáticas distintas, por exemplo, do público domiciliado, uma vez que revelam determinantes sociais em saúde específicos de um contexto marcado por violações de direito e violências de Estado, revelando vulnerabilidades extremas. É preciso pensar estratégias para legitimar o direito à saúde desse público, que envolve a garantia de direitos básicos como o acesso à água, alimentação, saneamento básico, condições dignas de moradia e o direito à cidade.

Assim, a agroecologia mostra-se como uma forma de vislumbrar a tessitura de relações nos sistemas que esse público frequenta, que envolvam desde a segurança alimentar à construção coletiva de soluções para os problemas do cotidiano de invisibilidade, negação e violências a que a pop rua está submetida. Essa experiência revela a tentativa popular de reivindicar esses direitos e legitimar a rua enquanto um espaço possível de produção de vida. Pensar em ofertas de saúde e de políticas públicas que sejam para além do tratamento de doenças, e sim na promoção de territórios saudáveis e sustentáveis sob a ótica da agroecologia.

Descrição da Experiência

Alecrim e Sálvia, desde o momento que se instalaram no Viaduto Angola, chamaram a atenção da equipe pela organização e cuidado com o espaço, pela forma como estava sendo construída sua maloca. Na parte externa da barraca, a saber, no canteiro embaixo do viaduto forrado por pedras, Alecrim iniciou a criação de um jardim. Com o material de reciclagem, ele reutilizava vários recipientes de forma a virarem vasos, desde vasilhas de uso doméstico a capacetes, botas etc. Ao longo dos meses, seu jardim foi se diversificando e ampliando, com a plantação de espécies alimentícias e a ajuda dos munícipes que ali passavam e se sensibilizavam com a sua iniciativa e o zelo com o espaço público, doando mudas e outros insumos.

Como o coletivo de trabalhadores frequentava o local semanalmente, foi-se estabelecendo uma relação de parceria e criação de vínculo com o casal, permeada pelo interesse e admiração por sua iniciativa. Alecrim não tinha demandas específicas em saúde, mas participava das ações coletivas propostas, como campanhas de vacinação e intervenções festivas da equipe. Sálvia desejava o atendimento odontológico, que foi possibilitado a partir de uma ação de saúde bucal realizada em parceria com uma Unidade Básica de Saúde.

A partir de discussões em equipe sobre o Projeto Terapêutico Singular (PTS) do casal e as ofertas possíveis do serviço, sonhar junto com Alecrim e investir em seu sonho seria uma maneira de reduzir os danos e promover intervalos de vida. Ele manifestava o interesse em ter em seu jardim também um espaço para plantação de hortaliças, uma espécie de horta coletiva, que fosse de acesso a todos. Sempre dizia sobre a ocupação do espaço público, nesse caso um viaduto, cheio de britas e sem uma função social determinada pelos poderes governamentais. Seu objetivo



era transformá-lo em um local onde fosse possível partilhar a coletividade, além de ornamentar e deixá-lo acolhedor para quem passasse pela avenida.

Desta forma, pode-se dizer que as metodologias utilizadas foram a construção do PTS do casal e em específico de Alecrim, a partir de discussões sobre esse tema nas reuniões de equipe semanais. Além de realização de um diagnóstico territorial e comunitário, em que foram observadas as redes de equipamentos socioassistenciais disponíveis, a dinâmica do território do Viaduto Angola, sobre a existência de fluxos de tráfico, uso de substâncias, conflitos e possibilidades, como o acesso à água e demais recursos necessários, além de mapear no bairro possíveis parceiros para esse projeto.

Também foi realizada ao longo de toda a noção da ecologia de saberes, uma vez que o coletivo de trabalhadores, na experiência da prática de trabalho, também atuou coletivamente naquele contexto, não apenas observando passivamente e ofertando cuidados em saúde, mas pensando na construção coletiva de conhecimentos visando a emancipação social. Foram realizados diversos atendimentos com ele para o planejamento das ações, mapeamento de seus desejos, momentos de avaliação da experiência para tecer reflexões e pensar nas reformulações necessárias.

Assim, em agosto de 2022, a equipe articulou a participação de Alecrim em um curso chamado Trilhas de Agroecologia, promovido pelo Centro de Referência em Segurança Alimentar-CRESAN, localizado no Centro Cultural Liberalino Alves Oliveira (Mercado da Lagoinha), órgão da prefeitura de Belo Horizonte. Foi feito o contato com a equipe pedagógica do curso, que se sensibilizou com sua iniciativa sendo possível construir estratégias de acesso a Alecrim ao curso, pensando que ele não dispunha de internet nem de um espaço adequado para os estudos. A sala de computadores do Mercado foi disponibilizada para que ele realizasse as partes virtuais do curso. Alecrim mostrou-se envolvido nos primeiros momentos, porém as adversidades não possibilitaram o seguimento de sua participação. O grupo de coordenadores e professores do curso realizou visitas *in loco* com os alunos ao Viaduto para mostrar o espaço e exemplificar as técnicas utilizadas por ele.

Junto à equipe, Alecrim esboçou um projeto avançado de ocupação daquele espaço, denominado por ele como "Jardim Angola". Também acompanhamos ele ao Viveiro de Mudas da Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica da Prefeitura de Belo Horizonte, onde ele conversou sobre os modos de plantio com o engenheiro ambiental responsável pelo abastecimento das hortas de Belo Horizonte. Alecrim escolheu mudas e teve sua horta registrada no Viveiro da PBH, apto para receber esterco e mudas semanalmente. Auxiliamos em um mutirão de preparo do solo e transplante das mudas para o seu jardim. Nesse momento foi necessário que a equipe se articulasse para além das redes institucionais, mobilizando pessoas do bairro e dos comércios no entorno para conseguir as ferramentas como pá e enxada para o trabalho.



Alecrim recebia a equipe com empolgação e sempre pedia para que fizéssemos registros de imagem e vídeo dessa experiência, pois tinha o sonho de produzir um filme sobre esse projeto. Após a mobilização coletiva, o Jardim Angola começou a tomar corpo. Foram realizadas atividades de misturar o adubo com a terra que Alecrim já havia cavado no solo, e também plantar as mudas de hortaliças em vasos, para depois serem replantadas. Retornamos frequentemente ao local e seguimos investindo no acompanhamento do plantio e no incentivo à essa iniciativa junto com Alecrim e Sálvia.

Resultados

O cotidiano de vida nas ruas é marcado pelo imediatismo das escolhas possíveis para cada momento, diante da extrema vulnerabilidade e violência que a rua impõe, assim como o trabalho do CR, em que são feitos planejamentos semanais de ações, mas frequentemente precisam ser readaptados diante das urgências. O trabalho desenvolvido com Alecrim nos mostra que, entre o planejado e o acontecido, construímos possibilidades para promover a redução de danos.

A partir dessa iniciativa, Alecrim teve acesso a uma rede de serviços intersetoriais, como os já mencionados acima (Centro Cultural e Fundação Zoobotânica), que via de regra não são serviços específicos para pop rua, além de ter se aproximado do Serviço Especializado de Abordagem Social (SEAS) para regularização de sua documentação pessoal. Isso contribui para pensar em acesso à cidade e à cidadania, tendo em vista que em geral os espaços e equipamentos públicos não são inclusivos e acolhedores com a pop rua.

Além disso, essa experiência é um exemplo vivido de Saúde Coletiva, pois no Viaduto Angola os demais moradores do local foram influenciados por sua iniciativa de exercer o cuidado de si e o cuidado com o espaço público. Atualmente, na calçada do lado, também existe um grande jardim com horta, feito por outra usuária. Observamos que as malocas também ganharam uma maior organização e estruturação, e atribuímos tal ocorrido a vários fatores, dentre eles a influência e exemplo de Alecrim.

Por fim, é de suma importância pensar na ressignificação da atuação profissional dos trabalhadores do CR, em que precisam constantemente atualizar o seu fazer para que contemple além dos cuidados habituais em saúde, uma prática emancipatória e promotora de saúde coletiva, redução de danos e agroecologia.